

Servidor **Luís Marcelo de Araújo Pedroso**, premiado com a poesia *Aquacivita* no Concurso “CIDADE DE BELÉM, 401 ANOS” da Academia Paraense de Letras, em 31/ 01/2017.

Aquacivita

Às margens, ficou meu sorriso
De lembranças de barcos naufragados
Jacarés ao sol relaxando
O rio que não espera o tempo

Antigas naus, abrigo de vidas, devoradas pelo tempo,
às margens das minhas vetustas lembranças de um
tempo eternizado.

O rio é o tempo de tudo
Funde-se com a vida
Funde-se com a cidade
Rio e cidade
Cidade que navega no rio

O rio é o antes, o durante e o depois. Do rio veio a vida e a cidade, mas não se separam, antes, porém, fundiram-se. Quem sabe dizer onde começa e termina a cidade ou o rio? O povo caminha pelos rios como quem anda de ônibus dentro de Belém.

Rio que é rua, que é mar, que é lar



Luís Marcelo é analista judiciário da 9ª Vara Criminal de Belém.

Homem que nasce nas águas
Que cresce no rio
Que morre no mar

Ruas, canais, passagens, riachos, travessas, córregos,
avenidas, pontes, viadutos, estradas, caminhos. Onde
está a cidade? Onde está o rio? Do líquido saiu o bebê
que nunca saiu do líquido e que inexoravelmente morre
no mar.

Cidade que nasce das águas
Que cresce do rio
Que vive no mar

Mar de gente, de concreto, de carros, de esperanças,
de sonhos, de andanças. Águas de janeiro, de fevereiro,
de março. Vida e água. Mil batismos.

Assim é Belém: nasce, cresce e morre todos os dias em
um rio de líquidos pensamentos; paus, pedras, pessoas,
um mar de sentimentos.

Pseudônimo
Mar-rio